

ARTIGO

AS DAMAS PROTETORAS CONTRA A PESTE BRANCA: A ATUAÇÃO FEMININA NA CRIAÇÃO DA LIGA MINEIRA CONTRA A TUBERCULOSE EM JUIZ DE FORA/MG – 1900

MACIEL ANTONIO SILVEIRA FONSECA

Pesquisador de Pós-doutorado vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora/ Cátedra Sérgio Vieira de Mello-UFJF, com bolsa CAPES. Doutor em História – Universidade Federal de Juiz de Fora, com período sanduíche na Universidade de Évora, em Portugal.

Possui graduação em História (UFJF) e Direito, pelas Faculdades Integradas Vianna Jr. (FIVJ). Presidente da Comissão do Patrimônio Histórico da Ordem dos Advogados do Brasil – 4º Subseção (Juiz de Fora/MG).

E-mail: maciel.s.fonseca@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4471-7869>

RESUMO: Este artigo tem por objetivo analisar a participação feminina no processo de criação e consolidação da Liga Mineira contra a Tuberculose, em Juiz de Fora, Minas Gerais, no ano de 1900. Enquanto a comunidade internacional olhava estarrecida para o crescente aumento de mortes ocasionadas pelas epidemias da tuberculose, a elite juiz-forana se estruturou em uma imponente rede de sociabilidades para mitigar os seus danos. Nesse cenário, um grupo de mulheres, através das suas relações de poder, foram essenciais para a efetivação desse empreendimento. Será para essa representatividade que este trabalho irá direcionar o olhar.

PALAVRAS-CHAVE: Damas protetoras. Tuberculose. Filantropia. Imprensa.

THE PROTECTIVE LADIES AGAINST THE WHITE PLAGUE: FEMALE ACTION IN THE CREATION OF THE LIGA MINEIRA CONTRA A TUBERCULOSE IN JUIZ DE FORA/MG – 1900

ABSTRACT: This article aims to analyze the female participation in the process of creation and consolidation of the Liga Mineira contra a Tuberculose, in Juiz de Fora, Minas Gerais, in the 1900th. While the international community looked appalled at the growing increase in deaths caused due to the tuberculosis epidemics, the Juiz de Fora elite structured itself into an imposing network of sociability to mitigate its damage. In this scenario, a group of women, through their power relations, were essential for the implementation of this enterprise. It will be towards this representation that this work will direct its attention.

KEYWORDS: Protective ladies. Tuberculosis. Philanthropy. Press.

Recebido em: 29/03/2024

Aprovado em: 20/06/2024

DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2024v80p192-218>



Considerações iniciais

As associações contra a tuberculose tiveram um crescimento exponencial no último quartel do século XIX, sobretudo com os avanços no campo da microbiologia. Concomitantemente ao período assinalado, diversos congressos nacionais e internacionais voltados à divulgação de novas descobertas nos campos científicos foram realizados, estimulando que fossem criadas ligas e associações voltadas aos cuidados contra a doença.

Ana Margarida Furtado Arruda Rosemberg (2008) se valeu de uma análise biográfica que utilizou a figura do médico tisiologista Clemente Ferreira para apresentar e compreender o processo de criação da Liga Paulista contra a Tuberculose que ocorreu no ano de 1899. Por meio dos esforços de Ferreira, e mesmo com a resistência de alguns médicos e figuras políticas, houve a institucionalização de um espaço destinado à conscientização e aos cuidados em relação à doença. Isso foi permitido graças ao contexto de transformações no campo científico, o que justificou e impulsionou a adesão de pessoas da sociedade que lutassem pela causa. Pensando nisso, Rosemberg assinala que:

Vários acontecimentos científicos contribuíram, também, para que uma campanha de tal cunho fosse cogitada: os resultados satisfatórios obtidos pelos cientistas europeus e americanos com o tratamento sanatorial, fundamental para a cura dos tísicos; os novos conhecimentos sobre a etiologia da doença decorrentes das experiências de Villemin e Koch; a descoberta dos raios X pelo professor Roentgen e a criação do dispensário em Edimburgo, por Sir. Robert Philip, possibilitando a prevenção da doença e seu tratamento em regime ambulatorial. Esses progressos transbordaram do meio médico para as classes mais cultas européias estimulando a criação de inúmeras sociedades beneficentes com a finalidade de combater a tuberculose. Irrompeu, assim, por toda a Europa uma extraordinária cruzada sanitária contra a peste branca (Rosemberg, 2008, p. 40).

A tal "cruzada" apontada por Rosemberg faz parte do tom combativo adotado nos discursos que tinham por objetivo a mobilização de pessoas para a realização da fiscalização preventiva dos corpos e da tentativa de mitigar o sofrimento alheio, através do discurso da piedade e da caridade. Esse pensamento atravessou o oceano e chegou a ser debatido nos pontos de maior concentração populacional, econômica e cultural do Brasil.

Pautado nessa premissa, as ligas contra a tuberculose se espalharam pelo território nacional. Inicialmente em São Paulo, no ano de 1899 (Bertolli Filho, 2001, p. 62), posteriormente irradiou para outras localidades, como o Rio de Janeiro em 1900 (Nascimento, 2002, p. 31), Minas Gerais, em 1900 (Fonseca, 2023, p. 202), Pernambuco, em 1900 (Gouveia, 2017, p. 109) e Bahia, em 1900 (Silva, 2013, p. 2). Isso se deu a partir da atuação de médicos de cada uma dessas localidades que mobilizaram grupos de profissionais de saúde, filantropos e poder público para auxiliar na consolidação e estabelecimento das respectivas associações.

Percebemos que as Ligas contra a tuberculose no território brasileiro tiveram suas origens em consonância umas com as outras. Para isso, levantaram o estandarte do patriotismo, da caridade e do serviço humanitário sob a égide da ciência. Foram elas lideradas por homens que reuniram diferentes agentes da sociedade, cada qual tendo destaque em sua área específica e contribuindo para as finalidades das Ligas dentro das suas particularidades. Assim, o clero católico, industriais, capitalistas, médicos, profissionais de saúde, fazendeiros, advogados, investidores e demais agentes que movimentavam a filantropia, participaram ativamente dessas associações e estimularam a sua disseminação para os municípios mais afastados das capitais.

Entretanto, quando ampliamos o olhar para outras fontes e discursos além daqueles tradicionalmente hegemônicos da sociedade, observamos importantes participações que até então não foram privilegiadas pela historiografia. É o caso da atuação feminina em prol das atividades da Liga Mineira contra a Tuberculose. Um grupo composto por dezenas de mulheres pertencentes à elite juiz-forana foi apontado como “Damas Protetoras” da Liga, em publicação do jornal *O Pharol*, no dia 16 de outubro de 1900. Muitas delas eram lideranças católicas cujas vozes foram importantes para conferir um protagonismo feminino que ainda é relativamente pouco explorado na historiografia.

A pesquisadora Ana Paula Vosne Martins (2016) se debruçou sobre os estudos acerca do associativismo feminino católico no Brasil e entende que religião e a socialização feminina permitiram que as mulheres se expressassem em um contexto de normalização do silenciamento de vozes que não fossem as dos homens brancos pertencentes às elites sociais,

econômicas e culturais. Ao identificar os desafios das mulheres católicas no Brasil a autora assinala que

O desafio para a pesquisa sobre mulheres e catolicismo no Brasil reside no trabalho de desconstrução de uma imagem estereotipada e única do associativismo conservador feminino, mas particularmente na interpelação do silêncio que o cerca, tanto por parte da Igreja, quanto por parte dos historiadores e das historiadoras sobre a atuação das mulheres no movimento católico brasileiro internacional (Martins, 2016, p. 206).

Portanto, a proposta deste artigo é a de oferecer um contributo para os estudos das múltiplas formas do associativismo feminino, de modo que a hegemonia masculina nos espaços de decisão e de prestação da assistência seja repensada. Isso porque compactuamos com o pensamento de Ana Paula Vosne Martins que entende haver uma negligência historiográfica acerca dos estudos sobre o conservadorismo feminino no Brasil.

Conhecer para combater: a difusão da informação

Outras aliadas importantes para a instalação das Ligas foram as imprensas locais que trabalhavam na divulgação dos fins institucionais e atuavam também como um elo para as doações que muitas vezes eram deixadas nas suas respectivas redações e, posteriormente, destinadas às associações, fossem elas doações nominais ou anônimas. O fim do século XIX mostrou um marco entre o passado e o presente no que tange ao higienismo. Conforme se desenvolviam as pesquisas no campo da microbiologia, à imprensa foi atribuído o papel de difusora das informações e descobertas.

Tal como ocorreu com a Liga Brasileira contra a Tuberculose, no Rio de Janeiro, a realidade de Juiz de Fora não ficou aquém: houve um massivo investimento em campanhas publicitárias que não somente estampavam as páginas dos jornais como também permeavam os espaços de sociabilidades dos trabalhadores e operários, através da afixação de cartazes em bondes, trens e demais redutos onde se aglomeravam. Assim, pode ser dito que houve uma forte campanha de conscientização da sociedade em prol da luta contra a tuberculose (Nascimento, 2002, p. 14).

Buscando situar a presença feminina no movimento anarquista brasileiro instaurando na classe operária, Margareth Rago (2014) apresenta uma importante análise para o movimento feminista brasileiro ao direcionar o seu olhar para um setor da sociedade que enfrentou inúmeras camadas de violência ao longo da história: a mulher operária que além de estar sobrecarregada de trabalho nas fábricas, lhe era imposta a obrigação de atuar como mãe, dona de casa e esposa. A essas mulheres eram impostos os postulados médicos e sanitários tanto no bojo do seu convívio familiar, como no ambiente fabril. Isso porque, segundo Rago (2014)

A valorização do modelo da “fábrica higiênica” marca o despontar da mudança para um novo regime disciplinar, que pretende tornar o espaço da produção tranquilo, agradável, limpo e atraente para o trabalhador e trata-lo como um “cidadão consciente e inteligente” (Rago, 2014, p. 57).

Como desdobramento do aprofundamento da educação higiênica, muitas das crenças populares, até então entendidas como verdades, foram questionadas e assumiram novos contornos. É o caso do aerismo, que, gradativamente, passou a disputar espaço com as teorias que apontavam para as “ameaças invisíveis”: os micróbios. Afinal, “com as pesquisas de Louis Pasteur”, sobretudo, a higiene passou a ser entendida como um “campo científico” que “deveria ter suas especialidades, seus profissionais e, principalmente, apoio governamental e ampla difusão dos seus conteúdos postulados nas escolas primárias” (Sant’Anna, 2007, p. 211).

Foi dessa forma que os assuntos relacionados à tuberculose passaram a figurar nas páginas dos jornais. Tal fenômeno também foi observado por Dilene Nascimento no Rio de Janeiro, pois havia um propósito de que

deveria ser cumprido com uma propaganda maciça na imprensa e em conferências para esclarecimento público sobre o caráter curável da doença e a forma de evitar o contágio. Visava também ao cumprimento de posturas municipais referentes ao assunto e à construção de sanatórios onde o tuberculoso pudesse encontrar a cura pela alimentação, aeração e repouso (Nascimento, 2002, p. 30).

Não por acaso, percebemos que em Juiz de Fora a aplicação prática desse propósito pode ser observada no sentido de que a imprensa noticiava de forma minuciosa os passos da diretoria e dos associados da Liga Mineira

contra a Tuberculose. Eram constantes as matérias chamando a atenção para a necessidade de instalação de um dispensário que atuaria como mediador entre a população e a doença, de maneira que as pessoas sãs fossem educadas nos preceitos higienistas, enquanto aquelas adoecidas fossem direcionadas às estâncias de tratamento.

Os estudos sobre a tuberculose em Juiz de Fora ainda são recentes, havendo até o momento apenas duas produções. A primeira delas é de autoria de Lucas Marques do Amaral (1998) e possui caráter descritivo e memorialístico. O trabalho não se debruça sobre problematizações ou aplicações de conceitos, mas apresenta um robusto apanhado de fontes produzidas pela administração municipal.

O segundo foi a tese de doutorado apresentada por Maciel Fonseca (2023) ao Programa de Pós-graduação em História na Universidade Federal de Juiz de Fora. A tese aprofunda a pesquisa e os debates acerca do processo de consolidação da Liga Mineira contra a Tuberculose, analisando sob diferentes categorias analíticas o momento histórico em questão.

Portanto, é necessário conhecer o contexto de fundação da Liga Mineira contra a tuberculose, para entender as dinâmicas sociais dos seus agentes e as suas aspirações a partir dos debates acerca da doença e dos seus impactos na sociedade. Além disso, é importante situar a peste branca na realidade juiz-forana, entendendo se tratar de um reflexo mais global, onde diversas doenças disputavam espaço entre si, ao mesmo tempo em que debates eram travados quando inúmeras evidências apontavam as carências e ausências das condições sanitárias.

A institucionalização do combate à tuberculose

A Liga Mineira contra a Tuberculose foi uma associação filantrópica destinada a propor medidas de controle e combate à chamada “peste branca” em Juiz de Fora naquilo que seu presidente, Eduardo de Menezes, denominou “higiene ofensiva” e “higiene defensiva” (O Pharol, 1908, p. 2). Sua fundação se tornou oficial e pública no dia 16 de outubro de 1900, quando uma publicação foi lançada no jornal “O Pharol” constando duas listas nominais, separadas por gênero, as quais apontavam os “Protetores” e as “Protetoras” da Liga (O Pharol., 1900, p. 2).

A criação de uma liga contra a tuberculose em Juiz de Fora fez parte de um projeto engendrado pela elite local visando amenizar o sofrimento da população trabalhadora, carentes, de certa forma, de acesso aos meios de subsistência. Nesse sentido, Sônia Miranda assinala que já na década de 1880 o poder público se voltava prioritariamente para o processo de embelezamento da cidade. Por sua vez, a iniciativa privada se mostrava preocupada com os serviços básicos, ocasionando em ações sistemáticas para o oferecimento de tais serviços, muitos dos quais realizados por meio de filantropos (Miranda, 1990, p. 106).

Sobre a ação da filantropia e saúde, tomamos como base o trabalho de Gisele Sanglard (2008), no qual a pesquisadora analisa a prática filantrópica e o mecenato científico que foi empreendido na primeira metade do século XX, tendo como protagonista Guilherme Guinle que atuou como mecenas ao financiar fastosos projetos e instituições voltadas para a pesquisa e para a assistência à saúde no Rio de Janeiro (Sanglard, 2008). Nesse sentido, a autora entendeu filantropia como sendo

toda e qualquer ação que vise a minorar os sofrimentos do pobre – tenha ela um caráter religioso ou não –, mesmo que as personagens de época venham a fazer diferença entre a caridade – considerada como pejorativa por trazer o ideal cristão a ela subjacente – e a filantropia, ou a caridade laicizada (Sanglard, 2008, p. 24).

Sendo, portanto, a filantropia uma prática visando minorar os sofrimentos dos pobres, é possível chegarmos a duas constatações: a primeira delas é a de que filantropia está atrelada, de forma intrínseca, à pobreza, haja vista que a primeira existe tão somente em função da última. A segunda constatação é a de que filantropia se tornou uma pauta nos círculos sociais das elites, sendo, portanto, uma demanda dos ricos. Tais constatações encontram respaldo na já referida pesquisa de Sanglard, que percebe as dinâmicas da prática filantrópica da seguinte forma:

A prática da filantropia é indissociável da questão da pobreza. Não por acaso, o hospital foi o endereço preferido das ações beneficentes ao longo dos séculos, por sua feição de abrigo das misérias humanas: os velhos, os loucos, os enjeitados, as parturientes e os doentes. De forma geral, a filantropia pode ser concebida com base na ideia cristã de salvação e também como resposta a uma demanda social, ou ainda como política dos ricos e como uma forma de poder. Os filantropos

podem participar mediante doações e legados, loterias, bailes beneficentes, sermões religiosos, entre outras formas de angariar fundos. [...] A filantropia é, então, um assunto dos ricos (Sanglard, 2008, pp. 25-26).

A filantropia, assim, rompeu com os ideais da caridade presentes na sociedade brasileira, enviesados por um discurso pautado na remissão dos pecados para se chegar aos Céus. De caráter urbano e em uma sociedade cada vez mais amontoadada em centros industriais e postos de trabalho, a filantropia foi posta em prática pelas classes dominantes por meio de uma intervenção social, disciplinadora de corpos, mentes e do espaço urbano dos cidadãos. Naquele momento, muito se debatia sobre o papel do Estado e a quem caberia prestar a assistência: a sociedade ou o próprio Estado. As elites, então, assumiram o papel de reformadores, na busca de minimizar os problemas sociais e atenuar as suas consequências (Nascimento, 2005, p. 58).

Os termos Caridade e Filantropia, embora sejam utilizados de forma corriqueira como sinônimos, possuem profundas diferenças que impactam na forma como a assistência era prestada, bem como as suas finalidades. De forma esclarecedora, Sanglard e Ferreira apontaram as diferenças práticas entre os dois termos. Para os autores:

A filantropia, ou benemerência, é o neologismo surgido na França das Luzes e se difere da caridade por se propor estar desvinculada de qualquer vestígio de piedade e ter subjacente a ideia da utilidade social. Ao passo que a caridade reflete o temor a Deus e uma atitude de resignação ante a pobreza, ou, dito de outra forma, a caridade sempre se pautou por minimizar o sofrimento alheio; a filantropia, uma virtude laicizada, é uma ação continuada, refletida e não mais isolada (Sanglard; Ferreira, 2018, p. 149).

Portanto, a Liga Mineira contra a Tuberculose desempenhou um importante papel como espaço aglutinador da classe social dominante, que se reuniu no intuito de amenizar os sofrimentos da população trabalhadora que contribuía para a expansão urbana. Ao tornar público os nomes das pessoas a quem foi imbuído o trabalho de zelar pela assistência aos necessitados, ficou estabelecido um compromisso tácito por esses agentes de prover o sustento dos ideais compartilhados pelos seus pares.

Na já mencionada publicação do Jornal O Pharol do dia 16 de outubro de 1900, são apresentados os nomes de todos os homens e mulheres que,

inicialmente, prestariam o auxílio às aspirações da Liga. Fosse com donativos, serviços, favores políticos ou com a mera vinculação ao nome, fato é que houve uma inicial mobilização das grandes figuras locais para tornar realidade os anseios dos mais ávidos sanitaristas da cidade.

Apontando um total de sessenta nomes femininos e cinquenta e nove nomes masculinos, a associação prometia render bons frutos. Para isso, o primeiro Estatuto da Liga se preocupou, em seu art. 2º, em acolher como membro todas as pessoas que “contribuíssem para a consecução dos seus fins, sem a distinção de sexo nem de idade, mediante a contribuição inicial de 5\$000 réis no mínimo como sinal de adesão, ficando as subseqüentes contribuições *ad libitum*” (Estatuto, 1900).

Ainda versando sobre os Estatutos, no que diz respeito aos nomes publicados nas páginas do Jornal, os Protetores figuram no art. 3º, como sendo indivíduos dotados desse título para designar os “membros da Liga escolhidos pela diretoria com o fim de auxiliá-la diretamente em seus trabalhos, por meio de ordem moral, intelectual ou pecuniária”. Assim, as escolhas dos nomes, feitas de forma arbitrária, nos leva a crer que tenha sido motivada a partir de pessoas com maior inclinação para cooperar com os interesses da Liga naquele momento.

Ao lermos as matérias dos jornais e demais boletins, observamos a recorrente associação da figura feminina a alguma imagem masculina, como a do pai, do marido, irmãos, etc., criando a equivocada sensação de que essas mulheres fossem dependentes da legitimação desses homens. Entretanto, assumimos nesta pesquisa uma postura combativa a essa perspectiva analítica, embasados no pensamento de Ana Paula Vosne Martins que, por meio do seu trabalho, nos convidou para redirecionarmos o nosso olhar para uma visão cada vez menos submissa da mulher que, no senso comum e sem muita reflexão, ocuparia um suposto lugar secundário nessas associações. Ao contrário, Martins demonstra por meio das associações católicas que essas mulheres assumiram um protagonismo de grandes proporções. Para a autora:

É certo que muitas mulheres da elite católica não foram exatamente protagonistas sociais, desempenhando um papel mais restrito como representantes do clero e dos homens de suas famílias. Mas tal

¹ *Ad libitum* = À vontade.

constatação não nos autoriza a afirmar que todas as mulheres envolvidas com as associações católicas e as causas sociais e políticas, particularmente as dirigentes e propagandistas fossem autômatos de maridos, pais ou padres ventríloquos (Martins, 2016, p. 205).

Seguimos também a linha de pensamento de Polyana Aparecida Valente (2016), cuja pesquisa de doutorado teve como objeto de análise o associativismo católico feminino em Belo Horizonte entre os anos de 1897 e 1936. A autora constatou que tal movimento fez parte de um projeto balizado tanto pela moral cristã, quando pela filantropia científica, uma vez que a cidade de Belo Horizonte foi tomada como paradigma da modernização e urbanização de Minas Gerais (Valente, 2016, p. 21).

Tanto Valente (2016, p. 21) quanto Martins (2016, pp. 204-205) entendem que essas mulheres viram no associativismo uma maneira de acessar espaços até então dominados e regulados por diretrizes masculinas, o que permitiu colocar em pauta discussões sobre as agendas femininas daquele momento, como o direito ao voto e a possibilidade de assumir a liderança de associações.

O processo de convocação dos membros das elites sociais não foi exclusivo aos exemplos ilustrativos que apresentamos, como os casos de Minas Gerais e Rio de Janeiro. A pesquisadora Ana Margarida Furtado Arruda Rosemberg (2008) trabalhou em sua dissertação de Mestrado o pioneirismo do médico Clemente Ferreira, que foi o responsável pela criação da Liga Paulista contra a Tuberculose, a primeira do Brasil. Rosemberg demonstrou os desafios da criação e da manutenção dos equipamentos destinados à assistência à saúde em São Paulo, marcados pela acirrada disputa com a Administração Pública local que tentou absorver a instituição. Mesmo diante de todos os conflitos, a autora destacou o protagonismo de Lydia de Souza que mobilizou recursos para a criação do sanatório em Piracicaba, no ano de 1902 (Rosemberg, 2008, p. 118).

As damas “protetoras” da liga e a filantropia feminina

Para melhor entendimento acerca das pessoas que emprestaram seus nomes para dar legitimidade aos intentos da Liga, sistematizamos um quadro contendo os nomes das damas protetoras. Na tentativa de buscar estabelecer um perfil comum entre esses indivíduos, fizemos um breve estudo

prosopográfico. Nessa mesma linha, Gisele Sanglard teceu uma importante análise prosopográfica da elite carioca que atuou no contexto da Primeira República para a criação de instituições de assistência à saúde, ampliando ainda mais a discussão em torno da atuação da filantropia no Rio de Janeiro (Sanglard, 2010).

Por meio da prosopografia, ou biografia coletiva, tentamos reconstituir as malhas de sociabilidades dos membros da elite local. Observamos que, muito embora se tratasse de um grupo atuante em associações caritativas de outrora e as filantrópicas que foram surgindo naquele contexto de transição do século XIX para o século XX, novas vozes foram sendo incorporadas ao grupo hegemônico, predominantemente católico, politizado e comerciante, muitos dos quais, detentores de vastas extensões de terra.

Não por acaso, a escolha da prosopografia como metodologia se deu justamente para compreender a estruturação dessa elite no contexto social local. Tal método de abordagem foi disseminado pelo teórico Lawrence Stone ao propor a biografia coletiva como uma maneira de analisar características em comum a partir da observação de determinados grupos. Para Stone (1987, n. p.):

A prosopografia é usada como uma ferramenta para atacar dois dos problemas mais básicos da história. O primeiro diz respeito às raízes da ação política; [...] O segundo diz respeito à estrutura social e à mobilidade social; um conjunto de problemas envolve a análise do papel na sociedade, e especialmente as mudanças nesse papel ao longo do tempo, de grupos de status específicos (geralmente de elite), possuidores de títulos, membros de associações profissionais, titulares de cargos, grupos ocupacionais ou classes econômicas; [...].²

Assim, tal como Sanglard partiu “do pressuposto de que a análise prosopográfica dos benfeitores dessas instituições ajuda a dar sentido à ação política desse grupo social” (Sanglard, 2010, p. 129), entendemos ser necessária a aplicação de tal método para entender as dinâmicas socioculturais dessa elite, face às práticas filantrópicas. Abaixo, portanto, destacaremos os grupos

² Tradução livre de: Prosopography is used as a tool with which to attack two of the most basic problems in history. The first concerns the roots of the political action; [...]The second concerns social structure and social mobility; one set of problemas involves analysis of the role in Society, and especially the changes in that role over time, of specific (usually elite) status groups, holders of titles, members of professional associations, officeholders, occupational groups, or economic classes; [...]. Para melhor aprofundamento no assunto, ver: STONE, Lawrence. *The past and the presente revisited*. Routledge, 1987.

das damas protetoras, a fim de entender o papel desempenhado por essas mulheres no contexto da assistência.

Quadro 1 - lista de damas protetoras da Liga Mineira contra a Tuberculose

DAMAS PROTETORAS - LIGA MINEIRA CONTRA A TUBERCULOSE			
Nome	Religião	Parentesco	Profissão e atuação do familiar
Eulália de Araújo	Católica	I – Josino de Araújo	Dep. Federal
Maria José Monteiro	Católica	E – Onofre Mendes	Imóveis/ Investidor
Clementina Bello Rezende	Católica	E – Alfredo Moreira de Rezende	Fazendeiro/Cafeicultor
Magdalena Mascarenhas Werneck	Católica	E – José Ignácio de Avellar Werneck Jr.	Fazendeiro/Cafeicultor
Maria de Lourdes da Gama Horta	Católica	Sem Informação	Sem informação
Rosalina Lage	Católica	F – Antero José Lage Barbosa	Adv./Político
Maria do Carmo Menezes	Católica	E – Eduardo Augusto de Menezes	Médico
Rita de Souza Lima	Católica	Sem informação	Professora
Salomé Penna	Católica	Sem informação	Sem informação
Flora Parreiras Horta	Católica	E – Alberto Parreiras Horta	Médico
Júlia de Azevedo Coutinho (Corrêa e Castro)	Católica	F – Comendador Azeredo Coutinho E – Alfredo Correa e Castro	Negociantes
Etelvina Vieira Pereira	Católica	Sem informação	Sem informação
(Maria) Carolina de Assis	Católica	E – João Nogueira Penido Filho	Médico/Fazendeiro/ Investidor
Júlia Ferreira de A. Fonseca	Católica	Sem informação	Sem informação
Ercília Penido	Católica	E - Antônio Nogueira Penido	Engenheiro
Eurídice Tostes de Alvarenga	Sem inf.	Sem informação	Sem informação
Maria Flora Penna	Católica	I – Luiz Penna	Adv./Político
Elvina Cathoud	Católica	F – Leopoldo Cathoud	Joalheiro
Constancinha Vidal (Constança Vidal Barbosa Lage Valladares)	Católica	E – Francisco Valladares F – Manoel Vidal B. Lage I – Oscar Vidal B. Lage	Fazendeiro/Político Fazendeiro/Político Fazendeiro/Político
Virgínia Vieira Braga	Católica	F – Ambrósio Vieira Braga	Médico/Político
Maria Amélia Mascarenhas Barbosa	Católica	E – Agenor Barbosa	Investidor
Anna Monteiro de Andrade	Católica	Sem Informação	Sem informação

Conceição Rezende	Católica	E – Antônio Fernandes Oliveira	Adv.
Ricardina Diniz	Católica	E – Alberto Diniz	Juiz
Geraldina Rezende Jaguaribe	Católica	F – Barão de Retiro E - Leonel Jaguaribe	Fazendeiro Médico/Senador
Isabel Gama de Andrade	Católica	E – Cristóvão de Andrade	Negociante/Cafeicultor/ Investidor
L. A. Schaeffer	Prot.	Sem Informação	Prof. Colégio Americano
Diva Jaguaribe	Católica	E – José Nava	Médico
Carolina Bello Tollendal	Católica	E - Tobias Antunes Franco de Siqueira Tollendal	Adv./Político
Emília Kremer	Prot.	E – Alceu de Oliveira Pinto	Engenheiro
Baronesa de São Carlos (Florinda do Couto Nunes)	Católica	E – Barão de São Carlos (Carlos Pereira Nunes)	Cafeicultor/Fazendeiro
Guilhermina Krambeck	Prot.	Sem inf./ Família Krambeck	Industriais/Fazendeiros/ Negociantes
Alcina Campos	Católica	Sem informação	Sem informação
Guilhermina Colucci Salles	Católica	Sem inf./ Família Colucci	Joalheiros/Comerciantes
Olympia Hungria	Católica	F – Comendador Eduardo Hungria	Negociante Professora
Onofrina Silva	Católica	Sem informação	Professora, se tornou freira no Colégio Sion, em Petrópolis
Julieta Andrada	Católica	Sem informação	Sem informação
Amanda Goulart	Católica	Sem informação	Sem informação
Zininha Figueiredo	Católica	E- Ângelo Mendes Figueiredo	Advogado
Marieta Chagas	Católica	I – Carlos Chagas F – José Justiniano das Chagas	Médico Cafeicultor/Fazendeiro
Maria Lydia Bicalho	Católica	F – Sérgio de Macedo Moura	Cafeicultor
Marianinha Pimentel Barbosa	Católica	Sem informação	Sem informação
Virgínia Bastos Pinheiro Machado	Católica	E – José Joaquim Pinheiro Machado	Vice-cônsul português
Evangelina Penna	Católica	F – Feliciano Penna E – Leocádio Chaves	Adv./Senador Médico
Lyvia Pereira da Cruz	Católica	Sem informação Família Pereira da Cruz	Investidor Imobiliário
Isaura Rodrigues Pereira	Católica	Sem informação Família Rodrigues Pereira	Comerciantes
Bertha Paletta	Católica	E – Constantino Paletta	Adv./ Investidor Imobiliário
Maria Luiza (de Rezende) Tostes	Católica	E – Cândido Teixeira Toste F – Barão de Retiro	Cafeicultor/Fazendeiro Cafeicultor/Fazendeiro
Ambrosina Teixeira Leite	Católica	E – Eugênio Teixeira Leite	Capitalista/ Cafeicultor

		F – Barão e Baronesa de Santa Justa N – Barões de Vassouras	
Laurita Duarte	Católica	Sem informação	Sem informação
Isabel Hogg	Sem inf.	E - Cecil E. Hogg	Industrial/Investidor
Regina Massena	Católica	E – João Augusto Massena	Farmacêutico
Manoelita Aroeira	Católica	Sem informação	Sem informação
Alice Ferreira Lage	Católica	E – Frederico Ferreira Lage	Cafeicultor, Engenheiro, Investidor imobiliário
Francisca Grande	Sem inf.	F – George Grande	Vice-cônsul alemão
Alice Fassheber	Sem inf.	F – Gunther Adolfo Fassheber	Farmacêutico
(Maria) Carmelita (Moretzsohn) Horta Barbosa	Católica	F – Luiz Eugênio Horta Barbosa	Político /Advogado
Darcília Gomes Teixeira	Católica	Sem informação	Sem informação
Carlota Colucci Cardoso	Católica	F – Affonso Colucci E – Ignácio Rivera Cardoso	Joalheiro/Comerciante
Iracema Xavier Ferreira	Sem Inf.	Sem informação	Sem informação
Legenda: I – Irmã de; E – Esposa de; F – Filha de; N – Nora de; Prot. – Protestante			

FONTE: Jornal O Pharol. 16 de outubro de 1900, Ano XXXV. Levantamento do autor, com base Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e TEIXEIRA FILHO, José Procópio. **Salvo erro ou omissão.** Gente Juiz-Forana. Juiz de Fora: Edição do autor. 1979.

A partir dos dados que observamos no quadro acima (quadro 1) podemos perceber a participação de uma grande parcela de mulheres em uma associação. Diferentemente da participação masculina, cuja dinâmica social girava em torno das ações políticas e, de certa forma, midiáticas, às mulheres competiam a vida nos bastidores³, promovendo chás beneficentes, leilões, a participação ativa na vida social estabelecendo entre si, uma rede de comunicação que impulsionava o engajamento dos seus maridos, ao passo em que lhes colocava em uma posição de distinção.

Ana Martins observou que as mulheres das associações católicas usufruíam de uma significativa distinção social por conta dos seus relativos privilégios em relação às demais mulheres (2016, p. 205). De forma análoga, é cabível supor que essas mulheres que faziam militância para que os intentos

³ Por “bastidores”, portanto, entendemos não se tratar de um demérito, já que o protagonismo dessas mulheres fazia toda a diferença na vida social dos homens, mas entendemos que as publicações referentes às suas atuações não faziam jus a importância que de fato possuíam.

da Liga fossem postos em prática em Juiz de Fora gozavam de semelhante traço distintivo. Isso porque, segundo Martins,

[...] um elemento bastante importante desta identidade católica militante foi a percepção de que as mulheres católicas integravam um grupo marcado pela distinção social, sem dúvida, afinal a maioria das dirigentes vinha das classes mais privilegiadas, mas principalmente pela distinção intelectual e moral, o que as aproximava de outras mulheres da época, como as feministas de perfil liberal que igualmente pugnavam pela inserção das mulheres nas elites por meio da educação e da formação cultural. Portanto, um elemento importante da identidade católica militante é a percepção de que eram o escol da sociedade e que nessa posição tinham algo a fazer, não só por elas próprias ou por seu grupo social e familiar, mas pelo Brasil, pela Igreja e pela fé católica (Martins, 2016, p. 205).

Para levantar os dados das Protetoras da Liga, levamos em consideração os seguintes elementos:

a) **Nome** - primeiramente, o nome tal como foi divulgado na lista nominal do jornal O Pharol. Na simples forma como alguns deles foram grafados é possível percebermos que a redação do jornal ou a pessoa que encaminhou a lista para a publicação gozava de grande familiaridade com essas mulheres, o que fica demonstrado na utilização de abreviações intimistas. É o caso, por exemplo, de Constança Vidal Barbosa Lage Valladares, cujo nome foi grafado como Constancinha Vidal. Em outras ocasiões, era também referida como “Cicinha Valladares”.

Ao que indicam as fontes até então consultadas, Constança Valladares está entre as mais abastadas da lista. Seu pai foi Manoel Vidal Barbosa Lage, proprietário de praticamente toda região que hoje compreende a zona norte de Juiz de Fora. Foi um importante investidor imobiliário, fazendeiro e cafeicultor. “Constancinha” era irmã de Oscar Vidal Barbosa Lage, um dos mais populares presidentes da Câmara de Juiz de Fora. Além disso, se casou com o magnata Francisco de Campos Valladares, um dos mais influentes políticos locais, que exerceu por diversas vezes o mandato de Deputado Federal.

No mais, muitos dos sobrenomes são de solteiro. Outros, não foram colocados de forma integral na lista, mas, devido à constante incidência na vida social dos jornais, sobretudo na promoção de eventos festivos, beneficentes e/ou religiosos, foi possível mapearmos e colocarmos entre

parêntesis. Assim, todos os que estiverem dentro de parêntesis, foram omitidos da lista publicada em 1900, mas foram adicionados para este trabalho, para que seja instrumento no caso de futuras pesquisas sobre a temática.

b) **Religião**⁴ – para definir a religião das protetoras, utilizamos os seguintes critérios: inserimos os respectivos nomes no campo de busca da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Na grande maioria dos casos, foi possível ver essas mulheres participando em diferentes agremiações religiosas, muitas das quais promovendo quermesses, procissões ou recolhendo prendas em prol de uma festa que seria realizada no dia de determinado santo. As festas que congregavam mais pessoas eram as de Nossa Senhora das Dores, Santa Cecília, Santo Antônio e Senhor dos Passos.

Muito embora fosse incontestável o poder da Irmandade dos Passos e da Misericórdia em Juiz de Fora, as publicações nos jornais do *Pharol* e do *Comércio* apontam para uma meticulosa organização dos grupos femininos para desempenhar diferentes papéis: recolher donativos, preparar a comida, confeccionar os tecidos e as vestes dos santos, decorar as capelas e barracas, servir à população durante as festividades e estabelecer um canal entre o sacerdote e o povo.

Para tanto, citemos como exemplo a fundação da chamada “A Obra dos Tabernáculos”. Segundo publicação no *Pharol*, do dia 03 de julho de 1909 se tratou de uma “associação de senhoras com o fim de auxiliar as igrejas e capelas da freguesia de Juiz de Fora, fundada em 1907”. A Irmandade era presidida por Maria Carolina de Assis Penido, que também está na lista das protetoras. Herdeira de infundáveis alqueires de terra, foi casada com o médico, industrial e político João Nogueira Penido Filho, que foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora por vários anos além de ter sido Presidente da Câmara e Deputado Federal por várias legislaturas.

Ambos eram católicos fervorosos, tendo sido responsáveis por doar diversos imóveis para as obras religiosas, como o atual Seminário Floresta, pertencente aos padres Redentoristas; o palácio episcopal, onde era a residência do Bispo em Juiz de Fora, demolido na década de 1980; além de doar, esporadicamente, vultosas quantias para a Santa Casa de Misericórdia

⁴ Entendemos neste artigo que “religião” como uma doutrina moral e espiritual seguida pela pessoa.

de Juiz de Fora e financiar a construção do atual hospital, na década de 1940, pouco antes do casal falecer em um espaço de meses. Após a morte, legaram quase toda a sua fortuna para a instituição, fazendo com que os seus corpos fossem enterrados na Capela dos Passos, juntamente com o Barão e Baronesa da Bertioga, fundadores da Casa de Caridade que veio a se tornar a Santa Casa, na década de 1850.

Portanto, ao analisar as informações nos jornais com as listas dos nomes das damas que participavam do levantamento de fundos para as festividades, as solicitações de permissão para soltar foguetes nas datas festivas e da utilização dos coretos remetidas ao Executivo, além de documentos esparsos consultados no arquivo da Cúria ou no próprio Arquivo Municipal, foi possível entender que essas mulheres desempenhavam um papel muito ativo na sociedade. Inclusive, havia uma hierarquização dentro dos seus círculos de sociabilidades, mas que, infelizmente, não foi aprofundado neste trabalho por fugir do escopo principal.

Em suma, dos sessenta (60) nomes das mulheres apontados, 52 foram identificadas como católicas (86,66%), cinco (5) delas não obtivemos informação (8,33%) e três (3) delas foram identificadas como protestantes (5,1%), sobretudo por se tratar de imigrantes de origem alemã.

c) **Parentesco** – pesquisar os nomes dessas mulheres pelo grau de parentesco com alguma figura masculina de destaque na sociedade foi uma alternativa para contornar a falta de informações sobre essas mulheres. Isso porque seus nomes estavam na maioria das vezes atrelados a alguma figura masculina mais próxima: pai, marido, irmão, sogros... Suas individualidades eram tão somente expressas na sua vida religiosa, através das já mencionadas mobilizações em torno da promoção de eventos festivos, pois era o momento em que deixavam de ser “esposa de fulano” e se tornavam “dona fulana”. Como já mencionado por Martins (2016, p. 205) a igreja era o espaço “no qual as mulheres não estiveram em segundo plano, mas atuando à frente de campanhas e movimentos, desde as pequenas reuniões para rezar o terço [...] até as manifestações públicas.”

Por conta disso, a fim de entender de onde vinha o seu sustento ou até mesmo a sua posição hierárquica entre os pares, foi necessário compreender suas filiações com as figuras masculinas. A partir das ocupações desses homens, as respostas para alguns questionamentos foram surgindo, como as

origens das fontes de renda e as justificativas para o destaque conferido a determinadas mulheres nos eventos religiosos, como é o caso da já mencionada Maria Carolina de Assis Penido.

Em dois casos, de Guilhermina Colucci Salles e de Guilhermina Krambeck, não foi possível definir o parentesco em específico. Entretanto, ambas faziam partes de famílias emblemáticas da cidade, que atuavam em ramos já consolidado: os Colucci foram imigrantes italianos que se destacaram no comércio de joias e ourivesaria na cidade; os Krambeck, por sua vez, foram imigrantes alemães responsáveis pela ampliação da rede industrial na cidade e a implantação de curtumes. Deste modo, inferimos que essas mulheres, de certa forma, gozavam não somente do prestígio dos seus nomes, como também da riqueza material atrelada a eles.

d) **Profissão e atuação do familiar** – ao identificarmos os vínculos parentais entre as damas e as figuras masculinas, buscamos entender o papel desempenhado por cada um deles na dinâmica social. A pesquisa nos mostrou que muitos desses homens desempenhavam diferentes funções concomitantes, como é o caso de João Nogueira Penido Filho que, ao mesmo tempo em que atuava como clínico e Presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia, ocupava um assento na Câmara dos Deputados. Existem situações em sentido oposto, como é o caso de Cândido Teixeira Tostes que, embora tivesse a formação de advogado e se apresentasse como tal, nunca exerceu a profissão, se ocupando somente dos negócios das suas ricas fazendas cafeeiras.

Mereceram destaque duas figuras: Virgínia Bastos Pinheiro Machado e Francisca Grande. Esposas, respectivamente, do vice-cônsul de Portugal e vice-cônsul da Alemanha, ambos presentes e residentes na cidade, por se tratar dos dois maiores núcleos de imigração em Juiz de Fora. Embora as fontes não tenham favorecido essas duas mulheres no que diz respeito à abundância de informações sobre as suas relações sociais, é possível inferir que a inclusão dos seus nomes possa ter sido na tentativa de buscar a adesão desse contingente populacional às propostas da Liga. Para além disso, naquele contexto a imigração era massiva para ser incorporada aos postos de trabalho e, em adição, inúmeros eram os imigrantes acometidos por doenças epidêmicas, sobretudo em função de se aglomerar em cortiços ou casas de cômodos, em condições duvidosas de higiene.

Algumas dessas personagens, contudo, não conseguiram atuar em prol da Liga. Por um lado, encontramos a protetora Carolina Tollendal que doou o terreno onde veio a ser construído o Dispensário Eduardo de Menezes, cuja inauguração se deu no dia 15 de julho de 1908; por outro, temos casos como o de Júlia de Azeredo Coutinho, que veio a falecer no dia 06 de março de 1904, quatro anos antes do dispensário ser construído. Ou, também, como foi o caso da professora Onofrina Silva que, embora não tenhamos encontrado o seu parentesco, descobrimos que abandonou tudo para se tornar freira em Petrópolis, ocupando o cargo de superiora no tradicional Colégio Sion daquele município.

Muitas, porém, se mantiveram nos holofotes promovendo eventos para angariar fundos. Além das já mencionadas Maria Carolina de Assis Tostes e Constança Vidal Barbosa Lage Valladares, provavelmente as duas mais abastadas do grupo, figuras como a de Maria do Carmo de Menezes estiveram muito em voga. Esposa do médico e principal idealizador da Liga contra a Tuberculose, Eduardo Augusto de Menezes, Maria do Carmo gozava de forte influência na sociedade.

Maria do Carmo Motta Maia de Menezes foi sobrinha de Cláudio Velho da Motta Maia, o Conde da Motta Maia, médico particular do imperador Dom Pedro II. Maria do Carmo foi criada “como se fosse” filha do Conde. Tais laços parentais e afetivos foram reproduzidos nas linhas do jornal *O Pharol*, quando da morte de Eduardo de Menezes, em 1923. Segundo os dados biográficos, Menezes: “foi casado em primeiras núpcias com d. Maria do Carmo Menezes, filha do conde de Motta Maia, da qual deixa dois filhos - o sr. dr. Eduardo de Menezes Filho, advogado distinto e vice-presidente da Câmara Municipal, e Camillo de Menezes...” (*O Pharol*, 1923).

A distinta “Protetora” faleceu no dia 10 de junho de 1912 aos 44 anos de idade. No anúncio de sua morte, foram apontados os seus pais, dr. Domingos Fernandes Pereira e d. Francisca Augusta Maria Fernandes Pereira, além dos seus três filhos: Eduardo de Menezes Filho, Domingos de Menezes e Camilo de Menezes. Maria do Carmo “faleceu inesperadamente, acometida de rápida e traiçoeira enfermidade, que não deu quase tempo a ser combatida pelos recursos científicos”. Infelizmente, buscamos o seu atestado de óbito no Arquivo Municipal, mas não encontramos.

Entre a sua morte e a realização das festividades de finados, diversas foram as reportagens destacando os grandes feitos e o quanto Maria do Carmo impactou a sociedade através da prática filantrópica. Por meio do registro do seu enterramento, publicado no dia 12 de junho de 1912 no *Pharol*, foi possível termos uma noção de sua potência enquanto filantropa e também termos uma dimensão das redes e espaços de sociabilidades onde seus pares circulavam. Foi noticiada a presença de mais de quinhentas pessoas que acompanharam o enterro, o que para a época era um número altíssimo. Dentre essas pessoas havia “representantes de todas as classes sociais”, o que dificultou a redação do jornal tomar nota de todos os nomes dos presentes. O presidente da Câmara, Oscar Vidal Barbosa Lage, irmão de Constança Valladares, pediu que o expediente das repartições municipais fosse encerrado às 14h para prestar homenagem à senhora. O Colégio Granbery, orientado pelos reverendos protestantes, suspendeu as suas aulas por dois dias em sinal de pesar, enquanto o tribunal do júri emitiu um voto de pesar pelo falecimento.

Dentre os representantes das mais variadas redes de sociabilidades, foram destacadas: Academia Mineira de Letras, Ginásio Santa Cruz, Externato “Lucindo Filho”, Academia do Comércio, Granbery, Colégio Mineiro, Escola Normal, Externato Delfino Bicalho, Irmãs do Sagrado Coração de Jesus, Damas de Caridade, Filhas de Maria, Irmandade do Santíssimo Sacramento, Grêmio Literário “Affonso Celso”, Grêmio “Raymundo Corrêa”, Grêmio “Coelho Neto”, Grêmio “Aureliano Pimentel”, Rose Clube, “Revista do Ensino Mineiro” e o “Externato Lucindo Filho”.

A pesquisadora Cláudia Viscardi, ao trabalhar as múltiplas experiências de economia social em Juiz de Fora, introduz o conceito de pobreza quando apresenta os fenômenos do mutualismo e cooperativismo como estratégias utilizadas para o enfrentamento do pauperismo por parte da população que, muitas vezes, se sentia humilhada em ter que recorrer à assistência. Além disso, tais experiências associativas permitiam aos associados ter acesso a meios culturais, à participação na vida política, recreativa, à renda, em situações de exceção, além de fornecer subsídios para o exercício de uma vida cívica. Segundo a autora:

A pobreza se definiria a partir da ausência de renda e de riqueza, de condições que possibilitariam o acesso à renda e à riqueza e da existência de obstáculos à participação cívica e cultural de uma sociedade. O pobre é o indivíduo sem riqueza ou renda, sem condições de acesso a meios que levem à obtenção de renda e riqueza – como à educação, à proteção à saúde, por exemplo – e, ao mesmo tempo, excluído política e culturalmente da sociedade em que vive (Viscardi, 2021, p. 12).

No caso das damas protetoras, já apresentadas no quadro 1, observamos se tratar de esposas das mais proeminentes famílias da cidade, compostas por médicos, pecuaristas, cafeicultores e industriais, a quem interessava as boas condições de saúde dos seus trabalhadores que eram a força motriz dos seus empreendimentos. Tal situação evidenciava a legitimação das elites em assuntos relativos às instituições de associativismo em Juiz de Fora. As associações não somente se limitaram a proporcionar o amparo necessário aos desamparados, como também foram importantes para reforçar a identidade coletiva dos grupos sociais, que, neste caso em específico, se tratava de uma elite cultural e econômica, branca e católica, que investia massivamente na promoção de eventos faustosos para a legitimação de suas posições no espaço social (Viscardi, 2004, pp. 99-100).

A autora, que trabalhou principalmente as associações mutualistas e filantrópicas ocorridas em Juiz de Fora a partir do final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, entende que tais análises preconceituosas foram um entrave para um estudo mais amplo e aprofundado sobre o associativismo. Desde então, diversas foram as pesquisas sobre os diferentes matizes do associativismo.

Nesse sentido, podemos encontrar estudos sobre: o movimento operário (Oliveira, 2010); associações médicas (Lana, 2006); hospitais de caridade e irmandades católicas (Fonseca, 2018); imigrantes de diversas etnias (Gasparetto Júnior, 2014); assistência à infância (Oliveira, 2012); entidades esportivas (Lisboa, 2011); e de ex-escravizados e seus descendentes no processo de inserção social no pós-abolição (Almeida, 2008). Entretanto, nossa historiografia local e regional ainda não se debruçou no estudo do papel da mulher nessas associações.

O protagonismo feminino em atividades filantrópicas foi difundido ao longo dos séculos XIX e XX no país. Fato semelhante foi apontado por Maria Martha de Luna Freire (2015), ao analisar a assistência à infância encabeçada

pelo médico Arthur Moncorvo Filho, no Rio de Janeiro. Sobre a atuação das mulheres, Freire assinalou que:

Quanto à filantropia feminina, as atividades incluíam a realização de festejos em datas comemorativas como Natal e Ano Novo, campeonatos esportivos, organização dos concursos de robustez infantil e a confecção e distribuição de enxovais para os recém-nascidos. Além disso, as mulheres se engajavam em estratégias para angariar fundos para o Ipaí, como a realização de festas e chás beneficentes, e elaboração de listas de doações e loterias (Freire, 2015, p. 120).

Reforçando, portanto, os antecedentes da participação das damas protetoras na Liga contra a tuberculose em Juiz de Fora, foi possível observar o importante papel das mulheres nos espaços de sociabilidade no município no período de transição do século XIX para o século XX. Na Irmandade dos Passos e da Santa Casa de Misericórdia⁵ da cidade, por exemplo, as mulheres pertencentes às famílias abastadas participavam na confecção da indumentária litúrgica que vestiam as imagens sacras ou no adorno da Capela dos Passos. Além disso, promoviam chás, quermesses, almoços e jantares a fim de angariar recursos entre os seus pares. Para muitos dos trabalhos manuais, como a confecção de rendas, bordados e toalhas, essas mulheres utilizavam da mão de obra de suas empregadas para a realização dos serviços.

Concluimos, então, que as chamadas "Damas Protetoras" foram mulheres que concorreram para o bom funcionamento da Liga Mineira contra a Tuberculose. Fazemos a leitura de que ao ter os seus nomes estampados nas páginas do principal veículo de comunicação daquele momento a essas mulheres foram conferidos legitimidade e protagonismo em vista do reconhecimento das suas potencialidades de atuação, muitas das quais já sendo praticadas nas paróquias e demais reuniões beneficentes.

O próprio surgimento da Liga Mineira contra a Tuberculose pode ser visto como um momento em que caridade e filantropia abriam espaço para o surgimento do "Estado de Bem-estar Social" (Ferreira, 2018, p. 152). Ou seja, foi

⁵Este é o nome oficial da Irmandade. Embora, em primeiro momento, pareça confuso, trata-se de uma única Irmandade, mas que leva o nome "dos Passos" e "da Santa Casa de Misericórdia". Tal assunto já foi amplamente abordado em nossa dissertação de Mestrado. Ver: FONSECA, Maciel Antonio Silveira.

Filantropia e assistência à saúde em Juiz de Fora: as Irmandades dos Passos e da Santa Casa de Misericórdia (1897-1927). 2018, 113f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2018.

o "momento em que a caridade abriu espaço para a filantropia como utilidade social, convivendo lado a lado com a devoção religiosa que se apropria e traduz os preceitos da higiene segundo sua doutrina". E isso pode ser observado na própria linguagem adotada nos convites para que a população aderisse aos interesses da Liga.

Considerações finais

Neste trabalho assumimos a posição de defender a representatividade feminina nas atividades filantrópicas que culminaram na criação da Liga Mineira contra a Tuberculose em Juiz de Fora, no ano de 1900. Por meio dessa atuação, entendemos que essas mulheres conseguiram alcançar prestígio e distinção social, rompendo com o papel de coadjuvantes comumente a elas atribuído.

Através desses movimentos de sociabilidades, foi possível lançar base para o desenvolvimento de pesquisas posteriores sobre o associativismo feminino em Juiz de Fora, temática ainda muito discreta, para não dizer inexistente. Eram mulheres que se faziam presentes em grandes reuniões políticas, sociais e culturais, onde legitimavam as suas posições de liderança e/ou de aptidões para assumir posicionamentos mais autônomos, o que de fato foi observado. Com isso, conseguimos perceber que essas mulheres se organizavam em grupos estruturados, com dinâmicas próprias e até mesmo hierarquizados, no intuito de cumprir com a incumbência por elas assumida de prover recursos para financiar os empreendimentos desejados.

Enquanto os homens ocupavam os espaços dos salões e dos laboratórios, como apontou Gisele Sanglard, as mulheres determinavam e direcionavam a vida social através do controle das atividades festivas da igreja, através de quermesses voltadas ao levantamento de fundos para a tuberculose. Embora as fontes históricas insistentemente coloquem essas mulheres como irmãs, esposas ou filhas de alguém, os fragmentos encontrados demonstram que elas tinham uma intensa vida sociabilidade que de imediato rechaça a ideia de senso comum de que elas eram meros instrumentos passivos na sociedade, ideia que já foi contestada no trabalho de Ana Paula Vosne Martins, ao demonstrar a relativa autonomia feminina em um contexto de extrema opressão masculina.

Ao contrário do que prega o senso comum, percebe-se que havia uma estrutura de poder entre elas, mesmo que existisse uma mística construída através de uma feminilidade forjada para reforçar o domínio masculino e religioso sobre os seus corpos. Observa-se, por fim, que a participação das damas protetoras na consolidação da Liga Mineira contra a Tuberculose em Juiz de Fora foi determinante para que os postulados médicos acessassem os lares das camadas trabalhadoras, a quem a doença mais atingia, e que em muito se espelhavam na vida cotidiana dessas famílias mais abastadas.

Referências

ALMEIDA, P. L. de. **Elos de permanência**: o lazer como preservação da memória coletiva dos libertos e de seus descendentes em Juiz de Fora no início do século XX. Juiz de Fora: EDUFJF, 2008.

AMARAL, L. M. **Eduardo de Menezes e a Liga Mineira contra a Tuberculose**. Publicação Museu da Faculdade de Farmácia e Bioquímica da Universidade Federal de Juiz de Fora. Concorde Editora Gráfica, 1998.

BERTOLLI FILHO, C. **História social da tuberculose e do tuberculoso**: 1900 – 1950. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001.

ESTATUTO. **Estatuto provisório da Liga Mineira contra a Tuberculose**. Aprovado em 4 de setembro de 1900. Juiz de Fora, 1900.

FERREIRA, L. O.; SANGLARD, G. Caridade & filantropia: elites, estado e assistência à saúde no Brasil. *In*: HOCHMAN, G.; PIMENTA, T. S.; TEIXEIRA, L. A. (Orgs.). **História da Saúde no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 2018.

FONSECA, M. A. S. **Filantropia e assistência à saúde em Juiz de Fora**: as Irmandades dos Passos e da Santa Casa de Misericórdia (1897-1927). 2018. 113f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em História, Juiz de Fora, 2018.

FONSECA, M. A. S. **Urbanização, saúde pública e sanitarianismo**: a luta contra a tuberculose em Juiz de Fora (1882-1941). 349 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em História, Juiz de Fora, 2023.

FREIRE, M. M. de L. Quando a caridade encontra a ciência: um olhar sobre a trajetória do dr. Arthur Moncorvo Filho. *In*: SANGLARD, G. (Org.). **Filantropos da nação**: sociedade, saúde e assistência no Brasil e em Portugal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

GASPARETTO JÚNIOR, A. **Direitos sociais em perspectiva:** seguridade, sociabilidade e identidade nas mutuais de imigrantes em Juiz de Fora (1872-1930). Belo Horizonte: Fino Traço, 2014.

GOUVEIA, B. M. **Escritos e práticas na trajetória do médico Octávio de Freitas no Recife.** 2017. 204 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2017.

HOCHMAN, G.; TEIXEIRA, L. A.; PIMENTA, T. S. História da saúde no Brasil: uma breve história. In: TEIXEIRA, L. A.; PIMENTA, T. S.; HOCHMAN, G. (org.) **História da Saúde no Brasil.** 1.ed. São Paulo: Hucitec, 2018.

LANA, V. **Uma associação científica no "interior das Gerais":** A Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora (SMCJF) - 1889 - 1908. 2006. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz/ FIOCRUZ. Rio de Janeiro, 2006.

LISBOA, J. D. de M.; CUNHA JÚNIOR, C. F. F. da. **Turnerschaft:** Club Gymnástico Juiz de Fora (190-1979). Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2011.

MARTINS, A. P. V. **Disciplina e piedade:** o movimento feminino católico brasileiro no começo do século XX. Revista Brasileira de História das Religiões, v. IX, p. 185-207, 2016.

MIRANDA, S. R. **Cidade, capital e poder:** políticas públicas e questão urbana na velha Manchester Mineira. 1990. 321 f. Dissertação (Mestrado em História) – UFF – Niterói, 1990.

NASCIMENTO, D. R. de. **Fundação Ataulpho Paiva:** (Liga Brasileira contra a Tuberculose): um século de luta. Rio de Janeiro: Quadratim, 2002.

NASCIMENTO, D. R. do. **As Pestes do Século XX:** tuberculose e Aids no Brasil, uma história comparada. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

OLIVEIRA, L. E. de. **Os trabalhadores e a cidade:** a formação do proletariado de Juiz de Fora e suas lutas por direitos (1877 – 1920). Juiz de Fora: FUNALFA; Rio de Janeiro, FGV, 2010.

OLIVEIRA, P. R. de. **Vinde a mim os pequeninos:** políticas de educação e assistência às infâncias. Juiz de Fora: FUNALFA, 2012.

RAGO, M. **Do cabaré ao lar:** a utopia da cidade disciplinar: Brasil, 1890-1930. São Paulo: Paz e Terra, 2014. [4ª Ed].

ROSEMBERG, A. M. F. A. **Guerra à peste Branca:** Clemente Ferreira e a "Liga Paulista contra a Tuberculose" 1899 - 1947. Dissertação (Mestrado em História Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2008.

SANGLARD, G. **Entre os salões e o laboratório:** Guilherme Guinle, a saúde e a ciência no Rio de Janeiro, 1920-1940. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2008.

SANGLARD, G. **Laços de sociabilidade, filantropia e o Hospital do Câncer do Rio de Janeiro (1922-1936)**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, supl.1, jul. 2010.

SANGLARD, G.; FERREIRA, L. O. Caridade & filantropia: elites, estado e assistência à saúde no Brasil. In: TEIXEIRA, L. A.; PIMENTA, T. S.; HOCHMAN, G. (org.) **História da Saúde no Brasil**. 1.ed. São Paulo: Hucitec, 2018.

SANT'ANNA, D. B. de. **Cidade das águas**: usos de rios, bicas e chafarizes em São Paulo (1822-1901). São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

SILVA, M. E. L. N. da. Registrar, orientar, controlar: o Dispensário Ramiro de Azevedo e as ações contra a tuberculose na Bahia. **XXVII Simpósio Nacional de História (SNH)**. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), 2013.

STONE, L. **The past and the present revisited**. London: Routledge. 1987.

VALENTE, P. A. **Mulheres Católicas em ação**: filantropia, saúde e divulgação de ciências em Belo Horizonte (1897-1936). 2016. 206f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, 2016.

VISCARDI, C. M. R. Mutualismo e Filantrópica. **Locus: Revista de História**, [S. l.], v. 10, n. 1, 2004.

VISCARDI, C. M. R. **Experiências de economia social**: mutualismo, filantropia e corporativismo. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2021.

Acervos digitais

O PHAROL. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional - <http://bndigital.bn.gov.br/>.